

**RUPTURAS NA TEXTUROLOGIA PEDESTRE:  
O ATO DE ANDAR PELAS CIDADES COMO PRÁTICA PERFORMÁTICA**

**RUPTURES IN PEDESTRIAN TEXTUROLOGY:  
WALKING THROUGH THE CITIES AS A PERFORMATIC PRACTICE**

Diego Marques / USP

**RESUMO**

À luz das chamadas teorias da performance, o artigo apresenta uma leitura crítica das considerações feitas pelo filósofo francês Michel de Certeau acerca do ato de andar pelas cidades. Para tanto, deslocamos tal debate do âmbito do performativo para o campo da performatividade, a fim de compreendermos de que modo a repetição estilizada do ato de andar pelas cidades configura performances corporais cotidianas urbanas que corroboram com a manutenção de um determinado poder urbano. Por fim, o artigo repensa o impacto das considerações do autor no crescente interesse pelo ato de andar pelas cidades como prática performática na arte contemporânea, ao produzir rupturas na noção de texturologia pedestre com a finalidade de inventar outros modos de viver no e com o cotidiano urbano.

**PALAVRAS-CHAVE:** Texturologia Pedestre; Performances Corporais Cotidianas Urbanas; Anestésica Corporal Urbana; Corpos Urbanos Erráticos.

**ABSTRACT**

*In the light of so-called performance theories, this article presents a critical reading of the considerations made by the French philosopher Michel de Certeau about the act of walking through the cities. Therefore, we have shifted such debate from the performative to the performativity field in order to understand how the stylized repetition of the act of walking through the cities constitutes everyday urban body performances that corroborate the maintenance of a determined urban power. Finally, the article rethinks the impact of the author to the increasing interest in walking through cities as a performatic practice in contemporary art, producing ruptures in the notion of pedestrian texturology in order to invent other ways of living in and with everyday urban life.*

**KEYWORDS:** *Pedestrian Texturology; Everyday Urban Body Performances; Urban Body Anesthetics; Erratic Urban Bodies.*

## **Texturologia Pedestre:**

### **O engigma do ato de andar pelas cidades**

Do 110º andar do World Trade Center ver Manhattan<sup>1</sup> – foi a partir dessa frase que o filósofo francês Michel de Certeau desenvolveu sua hipótese acerca do famigerado complexo de edifícios, outrora localizado na cidade de Nova York, Estados Unidos. Para o autor, o conjunto de prédios consistia no maior paradigma do urbanismo ocidental, ao argumentar que o World Trade Center poderia ser lido como a monumentalização de uma espécie de poder ótico. Para Michel de Certeau, o desenfreado processo de verticalização das cidades está comprometido com a promoção de um poder ótico que pretende ser onividente, onipresente e onisciente. Isto porque, o corrente fenômeno de predialização das cidades traz em seu bojo a promessa da materialização arquitetônica de toda sorte de megalomania que caracteriza um certo olhar totalitário. Isto é, a utopia de um olhar solar, divino e transcendental cujo papel é controlar, administrar, ou ainda, gerenciar os excessos oriundos das tensões provenientes das aglomerações urbanas.

Nesse contexto, o autor verifica a emergência daquilo que ele denominou como *Cidade-Panorama*: um modelo de cidade que prevê o erguimento de habitações verticais em nome da suposta segurança oferecida por um determinado poder ótico. Assim, Michel de Certeau assevera que os habitantes das cidades-panorama são tidos como simples *Voyeurs*. Para o filósofo, tais habitantes são elevados a uma dada altura, colocados a uma certa distância e reduzidos a uma espécie de mero ponto que vê, conforme permanecem reféns de uma pulsão escópica – são sequestrados pelo vício em desfrutar do prazer oferecido pela vista panorâmica das cidades. Portanto, tal pulsão escópica exige a satisfação de um dado desejo pela cidade vista de cima, ao mesmo tempo em que negligencia o que é da ordem do que circula embaixo em meio à multidão, ao tráfego e aos rumores urbanos.

Logo, a cidade-panorama emerge como um conjunto de ondas verticais cujos olhares buscam imobilizar a miríade movediça no chão urbano. Desse modo, Michel de Certeau infere que a própria cidade-panorama consiste na concretização arquitetônica do simulacro de um olho totalizador, cuja legibilidade procura fixar em um texto transparente e claro a complexidade da mobilidade opaca e cega que transcorre no rés-do-chão da metrópole. Com isso, o autor questiona: onde se origina esse prazer de superar, de totalizar o mais desmesurado dos textos

MARQUES, Diego. Rupturas na texturologia pedestre: o ato de andar pelas cidades como prática performática, In Anais do 27º Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas, 27o, 2018, São Paulo. Anais do 27o Encontro da Anpap. São Paulo: Universidade Estadual Paulista (UNESP), Instituto de Artes, 2018. p.2738-2748.

humanos? Ou ainda: a imensa texturologia que se tem sob os olhos, seria ela outra coisa senão uma representação, um artefato ótico? (DE CERTEAU, 2008, p.170-171). De acordo com o autor, a ficção do olhar totalizante, a fabulação da vista de cima, ou mesmo, o imaginário da visão panorâmica tem diante de si algo semelhante a um enigma pedestre, fruto de uma dada ignorância em relação às multidões que circulam nos limiares onde cessa a visibilidade.

Dessa forma, Michel de Certeau parece apontar para o fato de que o ato de andar pelas cidades acarreta na urdidura de uma espécie de texturologia pedestre. Talvez seja importante recordarmos que o termo pedestre deriva do latim *Pedester* relacionado justamente ao ato de andar a pé. Assim, tal texturologia pedestre aparece enquanto os corpos cotidianos urbanos andam pelas cidades, ao obedecerem aos caracteres de um texto urbano que escrevem sem poder lê-lo (DE CERTEAU, 2008, p. 171). Para o filósofo, os corpos cotidianos urbanos detêm um conhecimento tácito do ato de andar pelas cidades, de modo que suas rotas, cursos e destinos se assemelham a poesias ignoradas. Com isso, presumimos que o ato de andar pelas cidades inscreve textos urbanos ao passo que compõem histórias múltiplas, nas quais não podemos localizar com precisão a posição de um autor ou de um espectador.

Tal texturologia pedestre implica na escritura de percursos, itinerários e trajetórias que se embrenham, entrecruzam e fragmentam a medida em que alteram o espaço tempo urbano. Segundo o autor, isso ocorre porque o ato de andar pelas cidades estabelece aquilo que ele denomina como *Enunciação Pedestre*. A partir de um determinado entendimento de performance<sup>2</sup>, Michel de Certeau afirma que o ato de andar é para a cidade, aquilo que o ato de fala é para a língua. Assim, tais enunciações pedestres podem ser comparadas aos chamados atos de fala, visto que consistem em um fazer dizer que nada mais são senão reiterações, transgressões e invenções de trajetórias, percursos e itinerários pela cidade. Ou seja, as enunciações pedestres são a tradução de uma língua espaço temporal, regulada pelo conjunto de possibilidades e proibições ordenados pela gramaticalidade imposta por um determinado poder urbano.

Conforme Michel de Certeau, o ato de andar pelas cidades cruza tais enunciações pedestres ao instaurar o que ele designou como *Retórica Ambulatória*. Para o autor,

MARQUES, Diego. Rupturas na texturologia pedestre: o ato de andar pelas cidades como prática performática, In Anais do 27º Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas, 27o, 2018, São Paulo. Anais do 27o Encontro da Anpap. São Paulo: Universidade Estadual Paulista (UNESP), Instituto de Artes, 2018. p.2738-2748.

tais retóricas ambulatórias consistem em uma arte de moldar os percursos, trajetos e itinerários pelas cidades, de forma correspondente ao que sucede com a arte de moldar frases – uma analogia ao que ocorre na linguagem verbal, seja ela de natureza oral ou escrita. Nesse aspecto, as retóricas ambulatórias aparecem como uma multidão de citações, referências e alusões pessoais, sociais e culturais, que emergem na sequência dos encontros, desencontros e reencontros que transcorrem na e pela cidade. Logo, tal multidão de citações não cessa de alterar, surpreender e atravessar os próprios percursos, itinerários e trajetos urbanos. Trata-se da composição de um fraseado espaço temporal nas cidades. Portanto, as chamadas retóricas ambulatórias denotam uma espécie de estilização do ato de andar pelas cidades, ao remontarem a figuras de estilo que não são outra coisa senão gestos que realizam uma metamorfose estilística do espaço tempo urbano (DE CERTEAU, 2008, p.182).

Logo, não é por acaso que Michel de Certeau defende a hipótese de que tal texturologia pedestre insinua uma mobilidade transumante e metafórica no texto claro e visível da cidade-panorama. Como se sabe, o filósofo arrola a texturologia ao rol de práticas microbianas, singulares e plurais que desafiam a administração panóptica do sistema urbanístico. Isto pois, tais práticas urbanas possuem aspectos multiformes, astuciosos e teimosos que caracterizam uma aptidão para acionar operadores de resistência à disciplina implementada pela organização observadora. Assim, o autor afirma que os denominados *Praticantes Ordinários da Cidade* aparecem no e pelo ato de andar pelas cidades, compreendido como parte do conjunto das chamadas *Práticas de Espaço*. Isto é, uma série de operações de resistência acionadas por aqueles que supostamente estariam entregues à disciplina, à passividade e à obediência, cujo intuito é afirmar a inventividade do cotidiano e a vitalidade dos espaços através de uma familiaridade inquietante com a cidade (DE CERTEAU, 2008, p. 175).

### **Estilos da Carne:**

#### **Repetições estilizadas do ato andar pelas cidades como campo de batalha**

Conforme Michel de Certeau evidencia em um trecho de seu livro, seu empreendimento teórico tem como finalidade oferecer uma resposta direta àquilo que o filósofo francês Michel Foucault denominou como *Sociedade Disciplinar*.

Grosso modo, a sociedade disciplinar está calcada nos padrões oferecidos pelo sistema panóptico<sup>3</sup>. Isto pois, o panóptico funciona como um protótipo para a disseminação dos dispositivos disciplinares responsáveis por proliferar a vigilância, com a finalidade de implantar formas cada vez mais capciosas de controle social. Contudo, é importante salientar que o próprio Michel Foucault advertiu que estávamos deixando de ser uma sociedade disciplinar porque, o panóptico tem deixado de ser compreendido somente como um modelo de construção arquitetônica, a exemplo da própria cidade-panorama. Atualmente, o panoptismo pode ser reconhecido como um certo estado corporal a medida em que é internalizado, restaurado e perpetuado pela performatividade dos corpos individuais ao definir suas relações com e no cotidiano.

De acordo com Michel Foucault, tal fato social está relacionado a uma possível mudança no status da relação entre corpo e poder que pode ser verificada na modernidade. Segundo o autor, o poder penetrou os corpos, de modo que é exposto na e pela performatividade dos corpos individuais nas denominadas sociedades modernas. Nesse contexto, o filósofo afirma que o dito corpo social consiste em um poder reiterado que nada mais é senão a performatividade dos corpos individuais nas sociedades modernas. A partir disso, o suposto corpo social não pode ser tomado como a universalização das vontades forjadas por um dado consenso. Isto porque, o corpo social aparece de fato na materialidade dos corpos que atualizam as normas sociais, bem como, nas normas sociais que atualizam a materialidade dos corpos. Trata-se daquilo que o filósofo denominou como *Fantasma do Corpo Social* (FOUCAULT, 2015, p. 235).

Foi justamente a partir da contribuição de filósofos franceses como Jacques Derrida<sup>4</sup> e do próprio Michel Foucault, que a filósofa estadunidense Judith Butler presumiu que o corpo era uma espécie de ponto cego nos debates em torno do performativo. A autora desenvolveu a noção de performatividade ao sustentar que atos de fala são propriamente atos corporais (BUTLER apud SETENTA, 2008, p. 31). Nessa perspectiva, a filósofa estadunidense afirma que a performatividade pode ser definida como uma espécie de estilo da carne. No livro *Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade* (2015), Butler conclui que a performatividade decorre de uma certa estilização do corpo, pois promove uma regulação dos

movimentos, das ações e dos gestos corporais. Diante disso, a autora assevera que a performatividade pode ser compreendida como uma repetição estilizada de atos corporais numa determinada temporalidade social (BUTLER, 2015, p. 242). Tais repetições estilizadas de atos corporais são performances sociais continuamente reiteradas nos e pelos próprios corpos. Assim, Judith Butler conclui que a performatividade pode ser definida como uma série de repetições estilizadas de atos que apresentam a própria materialidade do corpo como um acontecido, um acontecimento e um acontecível.

A partir desse aporte oferecido pela autora, presumimos que as formulações de Michel de Certeau acerca do ato de andar pelas cidades também incorre por um certo nível de esquecimento do corpo cotidiano urbano, justamente por tomar como ponto de partida a noção de performativo. Nesse aspecto, é importante salientar que o autor propõe que o ato de andar estabelece um corpo a corpo amoroso com a cidade, defende que o ato de andar pelas cidades remete a árvores de gestos que metamorfoseiam o espaço tempo urbano, ou mesmo, infere que uma determinada motricidade pedestre é a responsável por fazer efetivamente a cidade (DE CERTEAU, 2008, p. 176) – passagens que podem ser lidas como alusões à relevância da experiência corporal cotidiana urbana propriamente dita.

Contudo, ao deslocarmos a discussão feita pelo filósofo do âmbito do performativo para o campo da performatividade, percebemos que a análise feita por Michel de Certeau busca enfatizar aspectos referentes à linguagem verbal em detrimento da própria materialidade do corpo cotidiano urbano. Prova disso, é que ao sublinhar noções como enunciações pedestres, retóricas ambulatórias, ou ainda, texturologia pedestre, o autor parece relegar o movimento, a ação, o gesto, em suma, a experiência corporal cotidiana urbana a uma posição periférica em seu elogio ao ato de andar pelas cidades. Não obstante, acreditamos que essa escamoteação do corpo cotidiano urbano também pode ser verificada no uso recorrente de dicotomias como alto e baixo, escrita e leitura, visão e cegueira, o que aparentemente dificulta a observação de que tal texturologia pedestre também pode ser lida como a configuração de uma espécie de texturologia do poder urbano.

À luz do referido conceito de performatividade, constatamos que enunciados pedestres não podem ser compreendidos através de referentes exclusivamente

fonéticos, verbais, textuais, etc., pois, são antes de mais nada atos, condutas, comportamentos propriamente corporais. Logo, admitir a hipótese de que tais enunciados pedestres desembocam em retóricas ambulatórias responsáveis por estilizar o ato de andar pelas cidades, parece exigir o reconhecimento de que tal estilização ocorre *a priori* na e pela materialidade dos corpos cotidianos urbanos – trata-se do que temos denominado como *Performances Corporais Cotidianas Urbanas*. Assim, acreditamos que o ato de andar pelas cidades implica em uma repetição estilizada de atos que configuram performances corporais cotidianas urbanas. Consequentemente, tal premissa reivindica o reposicionamento do ato de andar pelas cidades em relação à manutenção de um determinado poder urbano.

Embora Michel de Certeau afirme que o ato de andar pelas cidades jogue, desafie e dribble os modos cujo poder organiza os espaços tempos urbanos (DE CERTEAU, 2008, p. 180), é prudente observarmos que tais performances corporais cotidianas urbanas emergem na tensão entre as estratégias de poder e as táticas de resistência ao poder urbano. Dessa forma, tais performances corporais cotidianas urbanas não simplesmente resistem a um determinado poder que reside fora delas. Se concordarmos com a proposição na qual Michel Foucault afirma que o poder penetrou os corpos nas sociedades, é preciso reconhecermos que o ato de andar pelas cidades tanto instabiliza, quanto estabiliza as relações de poder que configuram o sistema urbanístico.

Nessa perspectiva, a própria Judith Butler assevera que a noção de performatividade tanto evidencia os processos nos quais as materialidades dos corpos atualizam as normas sociais, quanto as dinâmicas nas quais as normas sociais atualizam as materialidades dos corpos. Isto é: a performatividade entendida como uma repetição estilizada de atos denuncia que são os próprios corpos que simultaneamente regulam, legitimam, fixam, normatizam, bem como, desregulam, deslegitimam, deslizam e nomadizam as relações de poder que configuram a materialidade do corpo. Desse modo, tais repetições estilizadas de atos atualizam uma espécie de poder reiterado nos e pelos corpos que operam continuamente de maneira ambígua. Em referência ao nosso contexto de análise, podemos concluir que performatividade define a materialidade do corpo cotidiano urbano como uma espécie de campo de batalha.

## **Corpos Urbanos Erráticos: O ato de andar pelas cidades como prática performática**

Aparentemente, reexaminar as considerações de Michel de Certeau à luz das proposições feitas por Judith Butler não só nos ajuda a deslocarmos a discussão acerca do ato de andar pelas cidades do âmbito do performático para o campo da performatividade, como também nos oferece pistas importantes para compreendermos o crescente interesse pelo ato de andar pelas cidades como prática performática<sup>5</sup>. Cada vez mais temos encontrado artistas da performance interessados em andar pelo fogo cruzado, ou seja, performadores que apostam no ato de andar pelas cidades como prática performática a fim de promoverem uma espécie de urbanização da experiência artística. Ao nosso ver, isso ocorre a medida em que tais performadores buscam produzir certas rupturas da noção de texturologia pedestre – no mais amplo sentido da expressão.

De saída, tais performadores experimentam o ato de andar pelas cidades como prática performática ao romperem com qualquer referente estritamente fonético, ao elegerem o movimento corporal cotidiano urbano como via privilegiada para examinarem a manutenção de um dado poder da cidade sobre os corpos. Para tanto, esses performadores procuram colocar em xeque os modos nos e pelos quais as performances corporais cotidianas urbanas implementam uma espécie de insensato movimento insensível<sup>6</sup>, ao condicionarem as maneiras cujos corpos cotidianos urbanos organizam o movimento no chão das cidades. Trata-se daquilo que temos denominado como *Anestésica Corporal Urbana*: uma série de automatismos motores, perceptivos e cognitivos acionados nas e pelas repetições estilizadas do ato de andar pelas cidades.

A partir disso, inferimos que tais performadores levam a cabo o desejo de promover rupturas na noção de texturologia pedestre, ao promoverem cortes, interrupções, fissuras no modo em que percebemos o corpo cotidiano urbano em deslocamento pela cidade e vice-versa. Para tanto, performadores tem experimentado inúmeras possibilidades de criação de estilizações, desestilizações e reestilizações do corpo cotidiano urbano na e pela repetição do ato de andar pelas cidades. Desse modo, o ato de andar pelas cidades como prática performática intenta promover rupturas nos automatismos motores, perceptivos e cognitivos restaurados na e pela performatividade do corpo cotidiano urbano, conforme experimenta a ativação da

MARQUES, Diego. Rupturas na texturologia pedestre: o ato de andar pelas cidades como prática performática, In Anais do 27º Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas, 27o, 2018, São Paulo. Anais do 27o Encontro da Anpap. São Paulo: Universidade Estadual Paulista (UNESP), Instituto de Artes, 2018. p.2738-2748.

copresença corporal com os outros urbanos. Isto pois, cada um desses performadores anunciaram a possibilidade de colocarmos um pé após o outro de novo e de novo como uma possibilidade de experimentarmos uma alteridade radical: moradores em situação de rua, prédios, policiais, asfalto, ambulantes, poluição, motoristas, lixo, comércios, prostitutas, esgoto, transeuntes, catadores, tráfego, flanelinhas, casas, ciclistas, publicidade, parques, etc.

Ao acompanharmos os movimentos de distintas genealogias da arte da performance<sup>7</sup>, verificamos que pelo menos desde o final do século XIX até esse começo de século XXI, performadores em diversas partes do mundo tem experimentado variadas formas de poetização do urbano no e pelo ato de andar pelas cidades – para aludirmos à máxima proferida pelo artista brasileiro Hélio Oiticica. A título de exemplificação, citamos as *flâneries* de Charles Baudelaire, as *visitas* dos Dadaístas, as *deambulações* dos Surrealistas, as *experiências* de Flávio de Carvalho, os *vivos ditos* de Alberto Grecco, as *derivadas* dos Situacionistas, as *fluxus* de Yoko Ono e Alisson Knowles, as *catalizações* de Adrian Piper, as *persecuções* de Vitto Acconti e Sophie Calle, as *direções* de Stanley Broun, as *escutas* de Max Neuhaus, os *contatos* de Jiri Kovanda, os *delírios ambulatórios* do supracitado Hélio Oiticica, os *passeios de áudio* de Janet Cardiff, os *zonzos* dos *Stalkers*, as *manobras* de Tim Brennan, as *Brevidades* do MusicanoAr, dentre muitas outras.

Diante dessa proliferação de exemplos, não nos causa surpresa quando o crítico e curador de arte francês Nicolas Bourriaud argumenta que o ato de andar pelas cidades como prática performática tem sido responsável pela fundação de uma *Estética do Deslocamento* (2011, p.113)<sup>8</sup>. Para o autor, essa insistência no percurso, na errância, na andança tem promovido na historiografia da arte desse começo de século XXI um deslocamento semelhante promovido pelo Ready Made, de Marcel Duchamp, no início do século XX. A partir disso, concluímos que o ato de andar pelas cidades como prática performática busca reinventar o corpo cotidiano urbano, ao testar a emergência do que temos denominado como *Corpos Urbanos Erráticos* – corpos que acionam um estado de invenção ao expandirem a noção de artisticidade, conforme potenciam a politicidade do corpo no cotidiano urbano experimentalizado. Logo, a invenção dos corpos urbanos erráticos implica numa reconfiguração da

MARQUES, Diego. Rupturas na texturologia pedestre: o ato de andar pelas cidades como prática performática, In Anais do 27º Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas, 27o, 2018, São Paulo. Anais do 27º Encontro da Anpap. São Paulo: Universidade Estadual Paulista (UNESP), Instituto de Artes, 2018. p.2738-2748.

experiência corporal cotidiana urbana sensível, que nada mais é senão o exercício daquilo que o corpo pode na cidade, em detrimento do exercício de um certo poder da cidade sobre o corpo – uma persistência em continuar andando para empurrar o horizonte, inventando coisas para fazer com arte, inventando coisas para fazer com o nosso dia a dia nas cidades.

## Notas

<sup>1</sup> O World Trade Center era um complexo de edifícios, dentre os quais destacavam-se duas torres gêmeas com 110 andares cada uma. Foi inaugurado em 4 de abril de 1971 na região do Baixo Manhattan, Nova York, Estados Unidos. O conjunto de prédios foi destruído na ocasião daquilo que ficou conhecido como Ataques de 11 de setembro de 2001.

<sup>2</sup> A partir da Teoria dos Atos de Fala, desenvolvida pelo linguista estadunidense John Austin, passamos a admitir a hipótese de que há um tipo particular de enunciação no qual dizer é fazer. Inicialmente Austin diferiu dois tipos de enunciados publicados no livro *Quando dizer é fazer: palavras e ação* (1990). De um lado, colocou os chamados enunciados constativos, de outro, os chamados enunciados performativos. Com base nessa distinção, Austin instabilizou as noções nas quais a linguagem era compreendida somente como representação de algo que estava fora da própria linguagem. Assim, os enunciados performativos consistem em uma dada ação da linguagem em um certo contexto, ou seja, os enunciados performativos realizam ações. Entretanto, posteriormente o próprio Austin abandonou a referida oposição entre os enunciados constativos e os performativos. O autor concluiu que nenhum atributo verbal pode diferir um enunciado do outro, uma vez que todo enunciado constitui um ato de fala, quer dizer, qualquer enunciação realiza uma ação. Dessa forma, o linguista ressaltou a importância do contexto, das convenções, dos ritos e afins para a compreensão dos atos de fala. Isto porque, Austin afirma que é a complexidade das condições do falante que permite o reconhecimento da performance da linguagem. Desse modo, o termo performativo passa a ser empregado para qualquer enunciado, desde que se considere a situação do falante. Em última análise, tal preceito apontou para a compreensão de uma linguagem performativa que reivindicaria a formulação de uma espécie de Teoria Geral dos Atos de Fala (AUSTIN apud PINTO, 2007, p.07). Com isso, vale frisar que foi no campo da linguística que o termo performance se tornou relevante primeiro (CARLSON, 2010, p.69).

<sup>3</sup> Panóptico é um termo utilizado para designar um dado modelo de penitenciária, concebido pelo filósofo e jurista inglês Jeremy Bentham em 1785. O modelo permite que um único vigilante observe todos os prisioneiros, sem que estes possam saber se estão ou não sendo observados. Dessa maneira, o medo de não saberem se estão sendo observados ou não, colabora com a internalização dos comportamentos almeçados pelo vigilante.

<sup>4</sup> O autor é reconhecido por ter realizado uma importante crítica sobre a polêmica do performativo, ao revisar o modo como o conceito foi colocado pela *Teoria dos Atos de Fala*. Em linhas gerais, o filósofo francês questiona uma certa supremacia do falante na enunciação performativa. Isto pois, para a *Teoria dos Atos de Fala* é uma situação do falante que qualifica os enunciados performativos. Nesse sentido, tal teoria propõe que aspectos como contextualidade, situacionalidade e intencionalidade do falante sejam levados em consideração, para que seja possível verificar a ocorrência de uma enunciação performativa. Em contrapartida, Jacques Derrida argumenta que qualquer ato de fala implica naquilo que ele nomina como *citacionalidade* e *iterabilidade*. Segundo o autor, a citacionalidade é a propriedade de um enunciado ser composto por citações. Isto é, a qualidade encarregada em garantir que um enunciado seja deslocado de um certo contexto para um contexto distinto, o que pode até mesmo acarretar no engendramento de outros contextos. Por sua vez, a iterabilidade é a propriedade que assegura com que um enunciado jamais seja repetido tal qual. Isto porque, a iterabilidade é a característica responsável por certificar que invariavelmente ocorra alteração na repetição de um enunciado, o que sempre implica em uma espécie de emergência do outro no mesmo. Curiosamente, a palavra iterabilidade provém do termo sânscrito *itara*, traduzido justamente como *outro* para o português. Diante disso, é interessante ressaltarmos que o próprio Michel de Certeau definiu tais retóricas ambulatórias como uma multidão de citações, referências e alusões pessoais, sociais e culturais (DE CERTEAU, 2008, p.180).

<sup>5</sup> Em referência a chamada Arte da Performance. Embora há quem defenda que a arte da performance consista em uma linguagem artística (COHEN, 1989), ou ainda, em um gênero artístico (GOLDBERG, 2006, GLUSBERG, 2013), corroboramos aqui com a hipótese da pesquisadora brasileira Christine Greiner (2015), na qual a autora defende que a arte da performance se configura como uma operadora de desestabilizações cognitivas, dada sua aptidão para acionar movimentos performativos que modificam a relação corpo e ambiente, ao acionar potências de vida. Desse modo, a arte da performance jamais se constitui como uma linguagem ou um gênero artístico devido à sua propensão para instabilizar modelos e categorias prontas e dadas *a priori*.

<sup>6</sup> Em referência ao conceito de coreopolícia desenvolvido pelo teórico da performance brasileiro André Lepecki (2011).

<sup>7</sup> Do ponto de vista das artes cênicas, a arte da performance deriva das experimentações cênicas realizadas pelas vanguardas históricas da passagem do século XIX para o século XX. Contudo, da perspectiva das artes visuais, a arte da performance aparece como uma manifestação das neo-vanguardas no contexto pós-segunda

guerra mundial. Há ainda a concepção antropológica, que situa o surgimento da arte da performance junto aos rituais pré-coloniais.

<sup>8</sup> Outras referências que apontam para a fundação de uma estética do deslocamento podem ser encontradas na noção de caminhada como prática estética (CARERI, 2013) e errância urbana (JACQUES, 2012).

## Referências

- BOURRIAUD, Nicolas. *Radicante: por uma estética da globalização*. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2015.
- CARERI, Francesco. *Walkscapes: o caminhar como prática estética*. Trad. Frederico Bonaldo. São Paulo: Gustavo Gili, 2013.
- CARLSON, Marvin. *Performance: uma introdução crítica*. Belo Horizonte: UFMG, 2010.
- CERTAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes do fazer*, vol. 1. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes, 2010.
- \_\_\_\_\_. *Microfísica do Poder*. São Paulo: Graal, 2015.
- GREINER, Christine. *O Corpo: pistas para estudos indisciplinados*. São Paulo: Annablume, 2005.
- \_\_\_\_\_. *A Performance e o Risco da Inoperância do Comum*. In: *A Cozinha Performática*. São Paulo: Árvore da Terra, 2014, p. 27-35.
- JACQUES, Paola Berenstein. *Elogio aos errantes*. Salvador: EDUFBA, 2012.
- LEPECKI, André. *Exaurir a dança: performance e a política do movimento*. São Paulo: Annablume, 2017.
- MARQUES, Diego Alves. *Experiências erráticas: pistas para a desobediência das performances corporais cotidianas urbanas*. Dissertação de mestrado vinculada ao PPG IA-UNESP, 120f. São Paulo, 2017. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/151176>.
- PINTO, Joana Plaza. *O Percurso do Performativo*. In: *Revista Cult*, ed. 185, p. 35 - 36, São Paulo: Bregantini, nov. 2013.

## Diego Marques

Diego Marques é performer integrante do Coletivo Parabelo, no qual investiga relações entre corpo, performance e cidade pela chave da arte como educação (2005). É Bachelar em Comunicação das Artes do Corpo pela PUC/SP (2014), Mestre em Artes pela UNESP (2017) e doutorando em Artes Cênicas pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da ECA/USP. Atualmente desenvolve a performance coletiva *Erratórios* em diversos bairros da cidade de São Paulo.